

SCREENINGS FUNCHAL

Entrevista a Pedro Pão conduzida por Ana Isabel Soares

OLHARES CRUZADOS | CROSSED VIEWS

Conheci o Pedro Pão e o projecto “Screenings Funchal” quando, em 2019, participei no Seminário “Literatura & Cinema”, no âmbito dos Primeiros Encontros de Cinema Português Manuel Luiz Vieira. Na altura, e aproveitando a presença do realizador, foram apresentadas obras de Edgar Pêra. Esta entrevista pretende dar a conhecer melhor a organização e a pessoa que estrutura o CCICF (Clube de Cinema Independente - Cineclube do Funchal).

O cartaz é dividido em duas seções principais. A seção esquerda, sobre um fundo escuro com uma textura granulada, anuncia a "KINO-KONFERÊNCIA DE EDGAR PÊRA" organizada pelo "SEMINÁRIO LITERATURA & CINEMA" no âmbito do "MUDAS - MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA MADEIRA". Apresenta as fotos e nomes dos convidados: Edgar Pêra e Ana Isabel Soares, moderada por esta última. Indica a data "29 DE JUNHO" e o horário "17:00 » 18:30" com "ENTRADA LIVRE". A seção direita, sobre uma imagem de uma fachada clássica, anuncia a exibição do filme "LISBON REVISITED" de "EDGAR PÊRA" no "FORUM MADEIRA" em "29 DE JUNHO" às "21:00". Destaca-se como uma "SESSÃO ESPECIAL 3D" com "REALIZADOR PRESENTE" e "SESSÃO Q&A". Logos de parceiros como CIERL, Nacional do Cinema de Lisboa, SCREENINGS, Cinemas NOS, FORUM, NETMADEIRA, DIÁRIO e NITRADO FILMS são visíveis na base.

Imagem 1. Cartaz de divulgação quer do filme de Edgar Pêra *Lisbon Revisited*, exibido no Funchal, a 29.06.2019, nos *Screenings Funchal*, quer da Kino-Konferência do realizador, moderada por Ana Isabel Soares e realizada no âmbito do “Seminário Literatura & Cinema | Encontros de Cinema Português Manuel Luiz Vieira” (1.ª edição, 2019).

ANA ISABEL SOARES: De onde vens, Pedro? E de onde veio o impulso de mostrares “o melhor cinema independente de todo o mundo”?

PEDRO PÃO: Nasci e cresci num Funchal cheio de salas de cinema e de clubes de vídeo, com pais que me levavam a ambos, e ainda um irmão mais velho, através do qual tive acesso desde cedo, em alguns casos demasiado cedo, a um estranho e riquíssimo fluxo de cassetes VHS que na altura eram alugadas, compradas e trocadas e até importadas, sendo depois emprestadas entre amigos. Sempre gostei muito de filmes e creio que durante vários anos passei muito tempo em frente da televisão. Depois, tornou-se numa espécie de vício. Os filmes inicialmente foram como uma janela para outras vivências, às quais dificilmente teria acedido de outra forma, particularmente por viver numa ilha. Apesar de hoje olhar para o cinema de uma forma menos simplificada, acho que ainda continua a ser um pouco isso. Não sei se isto ajudará a explicar alguma coisa.

Em relação ao “impulso” que referes, não sei se não se tratará apenas de uma espécie de egoísmo. Talvez esteja apenas a passar os filmes que eu gostaria de poder ver, se estivesse limitado à posição de espectador. No entanto, gosto de pensar que também seja impelido a isso como tentativa de retribuição por tudo o que tive o privilégio de usufruir enquanto espectador à medida que cresci, e que ainda hoje, felizmente não só no que diz respeito ao cinema, tenho a sorte de poder usufruir na Região Autónoma da Madeira (RAM).

A escolha do cinema independente é porque não faria sentido outra coisa. O cinema é tão distinto, de continente para continente, e mesmo dentro de cada país, tem tantas especificidades... Haverá em Portugal alguém a fazer o que o Edgar Pêra ou o Pedro Costa fazem? E fora de Portugal? Também não creio que haja quem o faça. A única certeza que tenho é de que tem de haver a possibilidade de esses filmes serem vistos cá na Madeira e em sala. Porque ver um filme na televisão ou em formato DVD/Blu-ray deverá ser um recurso, jamais a única opção. Pegando no exemplo do Edgar Pêra, urge uma reflexão sobre a questão particular dos seus filmes 3D: dificilmente poderão ser vistos fora de uma sala de cinema, e as versões 2D são inevitavelmente mais pobres, no sentido de que lhes é retirada uma parte fundamental daquilo de que o seu autor quis imbuir essas obras. Todas estas características e particularidades deste cinema me entusiasma. Num universo menos “experimental”, o realismo social do Brillante Mendoza é completamente distinto do de Ken Loach e, no entanto, tanto os aproxima. O cinema e a linguagem cinematográfica são de uma riqueza imensurável. É o que me leva há algum tempo a questionar por que razão havemos de estar a ver sempre as mesmas histórias contadas e mostradas sempre da mesma forma. Parece-me necessário haver esta curiosidade em tudo na vida. Se não houver, acho que estamos condenados a uma espécie de vida enlatada.

ANA ISABEL SOARES: Quando iniciaste o projecto?

PEDRO PÃO: Este projecto arrancou com a nossa primeira sessão em Junho de 2017. Surgiu de um sentimento que partilhava com a Elsa Gouveia, responsável pela criação do *Madeira Film Festival*,¹ enquanto trabalhávamos juntos nesse festival. Sempre que chegávamos ao fim de uma edição do festival, dizíamos que era pena só haver cinema independente no Funchal praticamente uma semana por ano. Como eu fazia legendagem e testava todos os formatos que recebíamos para exibição, felizmente ainda via os filmes todos. Já a Elsa, com a parte da produção que tinha à sua responsabilidade, raramente tinha oportunidade de o fazer com frequência. Portanto, partiu desse incómodo de que as exhibições de cinema independente no Funchal estivessem restritas praticamente à semana do festival.

Mas não havia forma de levar isto a bom porto, porque o Funchal, por mais estranho que pareça, não tem nenhum auditório ou sala equipados convenientemente e com qualidade suficiente para exibição de cinema. Isto não me pareceria tão estranho, se na década de 90 do século passado eu não tivesse frequentado pelo menos seis salas de cinema no Funchal, além do Teatro Municipal de Baltazar Dias, que acolhia com alguma frequência mostras e festivais de curtas e longas-metragens. Os equipamentos disponíveis para alugar eram e são extremamente dispendiosos, o que inviabilizava à partida um projecto que pretendia ser regular – e, além desses custos com o aluguer de material essencial, os que temos disponíveis são de desempenho muito questionável. Por mais estranho que pareça, ainda é difícil para algumas pessoas perceberem que é preciso cumprir certos requisitos de qualidade para que se possa chamar “projeção de cinema” àquilo que se está a fazer. Claro que isso tem custos, mas têm de ser proporcionais à qualidade oferecida. Havendo essa proporcionalidade, esses custos são mais do que razoáveis, se se tiver a capacidade de perceber a importância e o valor de determinadas coisas.

Chegámos a contactar entidades culturais a quem apresentámos projectos, mas ao fim de algum tempo é inevitável ficar saturado com a combinação do entusiasmo inicial à apresentação da proposta a posterior ausência de resposta. Mais tarde, a Elsa apresentou à NOS Cinemas o projecto e os objectivos que tínhamos em mente – exhibir com mais regularidade cinema de autor e independente. Se resultasse, e quando as condições o permitissem, eventualmente poderíamos alargar o leque de oferta para incluir ciclos, antestreias, palestras e outros eventos associados. A ideia foi acolhida da melhor forma possível e percebemos à partida que tínhamos encontrado pessoas que partilhavam da nossa visão de que a exibição de

¹ O *Madeira Film Festival* foi um festival de cinema sediado na Madeira iniciado em 2012. Após sete edições anuais consecutivas, realizou-se até 2018. Pedro Pão fez parte da equipa nas últimas cinco edições do festival.

cinema também é um acto de cultura e que entenderam a necessidade de que no Funchal também houvesse este tipo de oferta cinematográfica.

ANA ISABEL SOARES: Porque lhe chamaste “Screenings”? Porquê o nome, e porquê em língua inglesa?

PEDRO PÃO: Inicialmente, como vínhamos do Madeira Film Festival, a ideia era de que o projecto fosse uma extensão do mesmo, com uma exibição por mês até à data da nova edição do festival. Se a minha memória não me atraiçoa, este nome também surgiu um pouco à pressa, porque, assim que tivemos a confirmação de que íamos poder arrancar, precisávamos de um nome rapidamente. Inicialmente usámos “Madeira Film Festival Screenings”. Entretanto, o projecto cresceu mais depressa do que esperávamos e pareceu-me importante que se tornasse algo único e independente. Ainda considerámos nomes em língua portuguesa, que para mim é o que faria mais sentido, e trocámos algumas ideias, mas nada apropriado surgiu em tempo útil e optámos por ficar com a expressão “Screenings” – adicionámos “Funchal” para associar a realização das sessões à cidade.



Imagem 2. Cartaz de divulgação do programa cinematográfico de Março de 2019 do Screenings Funchal.

ANA ISABEL SOARES: És tu quem faz o programa do *Screenings Funchal*?

PEDRO PÃO: Sim, a programação é da minha responsabilidade. Aos Cinenomas NOS, que nos acolheram e a este projeto com muito carinho desde o início, uma das coisas que pedimos foi completa autonomia nas nossas escolhas. E isso nunca foi questionado, antes pelo contrário. Não só na programação das sessões, mas também nos eventos que temos vindo a desenvolver, temos sido sempre incentivados e temos recebido um apoio inestimável para a viabilização de certas iniciativas, por mais difíceis de implementar que algumas sejam. O primeiro cine-concerto a realizar nas salas de cinema da NOS do Forum Madeira foi na nossa sessão do filme *Surdina* (2019), do Rodrigo Areias, com o Tó Trips (imagem 3). É preciso perceber que aquelas salas não estão propriamente preparadas para um evento destes, mas é todo esse apoio, com que felizmente podemos contar, que torna tudo mais fácil.

Mais recentemente, planeei a exibição de um filme de 14 horas, o que também seria inédito. Infelizmente, algumas regras que surgiram com a pandemia, em relação a eventos culturais na RAM, verdadeiramente únicas em Portugal, impediram que isso se realizasse, por não me permitirem as



Imagem 3. Cartaz de divulgação do cine-concerto com o filme *Surdina* de Rodrigo Areias e música ao vivo de Tó Trips, promovido pelo Screenings Funchal a 03.10.2020.



Imagens 4 e 5. Fotografias do cine-concerto com o filme *Surdina* de Rodrigo Areias e música ao vivo de Tó Trips, Cinemas NOS Forum Madeira, 03.10.2020. © Rodolfo Fernandes.

condições mínimas. Também não recebi das entidades competentes respostas em tempo útil, que me dessem indicação de que não ia estar a esforçar-me para organizar um programa e na véspera ter de suspender tudo. O planeamento de uma exibição de 14 horas tinha algumas particularidades trabalhosas, que necessitavam que se conhecessem com antecedência razoável as normas de segurança que seriam renovadas ou suspensas na RAM. Sem falar ainda, neste caso específico, no investimento financeiro que teríamos de fazer.

ANA ISABEL SOARES: Tens ideia de quantas sessões já foram programadas e realizadas? Com que regularidade ocorrem?

PEDRO PÃO: Claro! Até à data de hoje exibimos precisamente 139 filmes². Em 2017 começámos um pouco receosos, como é normal, apresentando um filme por mês com exibição na primeira sexta e no primeiro sábado do mês. A reacção por parte do público foi um bocado inesperada. Pensávamos que iria demorar mais tempo a conquistá-lo, mas a verdade é que, logo em Outubro do mesmo ano, justificava-se arriscarmos a alteração do formato para um filme diferente a cada sábado. A partir daí, temos continuado com esse formato, apresentando a nossa programação mensalmente.

Com a pandemia, a NOS Cinemas teve o cuidado de nos disponibilizar outra data de exibição, não só devido às restrições à capacidade das salas, mas também para ajudar a reduzir concentrações, e estamos neste momento com exposições todas as sextas e sábados. Além das sessões (ou mesmo nelas) já fizemos coisas muito bonitas: ciclos de cinema, o cine-concerto que mencionei anteriormente, sessões com a presença de realizadores e actores, até algumas parcerias incríveis que já nos levaram a exhibir filmes fora do nosso espaço habitual, como no Museu de História Natural do Funchal e ao ar livre, e em formato *drive-in* no *Fractal Funchal Fest*. Por achar que é tão importante como as sessões, a criação de sinergias, não poderia deixar de referir duas parcerias que me são muito caras: uma, com o Seminário “Literatura & Cinema” (primeira edição dos “Encontros de Cinema Portuguêses Manuel Luiz Vieira”) e com a Ana Salgueiro e o Rui Guilherme (UMA-CIERL, Plano Nacional de Cinema | Escola Secundária de Francisco Franco), onde felizmente nos cruzámos; e outra com a PORTA33 – Associação Quebra Costas, Centro de Arte Contemporânea, que permitiu complementar a exibição do filme *O Homem-Pykante – Diálogos Kom Pimenta* (2018), com uma conversa que reuniu o realizador, Edgar Pêra, o escritor e artista plástico Manuel Rodrigues, e Lúcia Evangelista, que prepara uma tese na Universidade do Porto, sobre Alberto Pimenta. Nunca me tinha imaginado a telefonar a Alberto Pimenta para o convidar a vir ao Funchal, e, apesar de não ter sido possível a sua vinda por razões de saúde, aqueles

² A entrevista foi realizada no mês de Junho de 2021.

minutos em que fui recebido com uma gentileza e generosidade desmedidas foram inesquecíveis. São todas estas coisas, que se vão fazendo e tentando fazer com algum esforço, que me vão lembrando que tudo isto vale a pena.

ANA ISABEL SOARES: Um dos lemas com que é apresentada esta Associação é “Um cinema à parte”. Esta diferença, ou exterioridade, está relacionada com o lugar onde a sua atividade se desenrola?

PEDRO PÃO: Esse lema, ao contrário do nosso nome, já foi mais bem pensado. Antes de mais, convém frisar que “à parte” foi como me senti durante muitos anos a crescer numa ilha. Principalmente na altura em que



Imagens 6 e 7: Sessão do Screenings Funchal no Fractal 2021 (23.09.2021), com a projeção do filme *It's Such a Beautiful Day* de Don Hertzfeldt © Tiago Sena Silva.

comecei a ganhar interesse por determinados eventos culturais, que não estavam facilmente disponíveis a quem vivesse numa ilha. Há, portanto, aí, nessa expressão, uma espécie de catarse e também de algum orgulho pelo que já foi possível fazer com poucos recursos. O local onde estamos, queiramos ou não, condiciona-nos fortemente e a vários níveis. Neste projecto em particular, a nossa insularidade cria entraves que até podem ser ultrapassados com alguma facilidade, mas apenas mediante condições financeiras das quais não dispomos, ou de apoios que não temos.

O objectivo principal dessa expressão foi passar a vincar a ideia de que o cinema em que nos focamos é um cinema distinto daquele que é mais frequentemente exibido nas salas da RAM – muito distinto desse cinema dito “comercial”, que sempre dominou e ainda domina as nossas salas e que tem razões económicas que justificam que assim seja. É um cinema que está afastado da preferência, da atenção e do conhecimento da maioria das pessoas. Por outro lado, também quis brincar com a ideia de periferia e com esse isolamento, que acaba por não ser meramente geográfico, nem exclusivamente na relação da RAM com o continente. Sinto também, e olho para o *Screenings Funchal* e para a “nossa” sala dentro dos Cinemas NOS do Forum Madeira, como uma espécie de ilha dentro de uma ilha. O objectivo é criar as “vias de comunicação” necessárias para que o acesso a esta ilha “artificial” seja o mais facilitado possível, mas obviamente que temos limitações no que podemos desenvolver nesse sentido. É também por essa razão que as parcerias que referi anteriormente são muito importantes para mim e para o projecto, porque acabam por permitir fazer o que nós não conseguimos e chegar a pessoas a que normalmente não chegaríamos.

ANA ISABEL SOARES: Consegues identificar as maiores dificuldades com que já te deparaste ao longo da existência do *Screenings Funchal*?

PEDRO PÃO: Lidar com a frustração talvez seja a maior. A frustração que surge, quando penso que podíamos fazer muito mais do que fazemos. Quando penso que gostaria de ter cá mais vezes mais realizadores, mais convidados e mais eventos. Que isso enriqueceria e faria crescer o *Screenings Funchal*, atraindo ainda mais público. Quando me apercebo de que certas entidades vêem o cinema como entretenimento de feira. É também frustrante, por vezes, lidar com a resistência que a maioria das pessoas tem em relação ao que não conhece. Há determinados realizadores que encham salas: por exemplo, um Fellini ou uma cópia restaurada do Coppola gera muito mais interesse do que a primeira longa-metragem da Lila Avilés ou da Leonor Teles, ou outro nome com menos visibilidade e menos prémios. E eu acho maravilhoso apresentar a primeira longa-metragem de um cineasta. Acho mágica a ideia de que estou a apresentar um(a) realizador(a) que as pessoas vão conhecer pela primeira vez e querer seguir. Gostava que houvesse mais curiosidade, mas em relação a isso creio que haverá muito pouco que eu possa fazer. Não quero com isto dizer que a exibição de clás-



Imagem 6. Cartaz de divulgação do programa cinematográfico de Janeiro de 2020 do Screenings Funchal.



Imagem 7. Cartaz de divulgação do programa cinematográfico de Setembro de 2020 do Screenings Funchal: ciclo "Essencial Fellini".

sicos não é importante! Houvesse mais obras restauradas a aparecer nas salas portuguesas, como o *Vem e Vê*, do Klimov, ou o *Ran – Os Senhores da Guerra*, do Kurosawa... Exibo-os com alguma frequência e planeio continuar a fazê-lo. Sempre achei muito importante haver uma oferta de clássicos equilibrada com a de cinema contemporâneo.

Também é frustrante ter o que me parece ser uma boa ideia e perceber que, por falta de apoios, não a irei conseguir concretizar. Em 2020, quando tivemos de interromper as sessões devido à pandemia, estava a tentar compor um ciclo de cinema dedicado à *New Wave* japonesa, e tinha já definido um alinhamento que me pareceu fantástico. O único problema, relacionado com o que já referi, é que, para uma única exibição do filme que achei perfeito para a abertura do ciclo, *The Naked Island* (1960), de Kaneto Shindô



Imagem 8. Cartaz de divulgação do programa cinematográfico de fevereiro de 2020 do Screenings Funchal: Ciclo de Cinema brasileiro: "É tudo Brasil".

(talvez a continuação da tal catarse do nosso lema!?), pediram-me a módica quantia de 2000€. Mesmo sendo eu a fazer a legendagem, adicionando os restantes três filmes, a despesa para termos um convidado a apresentar o filme de abertura e dar uma palestra sobre a *New Wave* japonesa, chegaríamos facilmente aos 4000€ – não temos a mínima hipótese de suportar um valor destes. Não sei se contará como dificuldade, mas eu não sei como convencer entidades culturais de que exibir obras-primas da história do cinema, e, neste caso, de um período particular tão tumultuoso como frutífero e criativo, seria de extrema importância. Não sei se a falha é minha, por não o conseguir explicar, ou deles, por não o conseguirem entender. Não deixo de lado a hipótese de que sou eu que terei de eventualmente perceber que isto é o *Screenings Funchal* e não o *Indie Lisboa*... De qualquer forma, ainda não desisti e até já fui bater à porta da Embaixada do Japão. A situação atual não é a mais propícia para pensar num ciclo com estas particularidades, mas é uma ideia a que regressarei assim que for possível.

Focando-me agora no oposto, as pessoas com quem tenho o privilégio de trabalhar, e que são as principais responsáveis por viabilizar este projecto, são também responsáveis pelo dissipar de todas essas frustrações. Através das distribuidoras, tenho conhecido pessoas verdadeiramente incríveis, que têm olhado para a RAM com um olhar precisamente oposto ao do nosso *slogan*. Graças a elas, já tivemos vários filmes a ser exibidos cá no Funchal antes da sua estreia nacional. Não sei se isto tem a mesma importância para a maior parte das pessoas que tem para mim. Também não sei se a maioria das pessoas tem noção de que isto é o inverter de um processo enraizado há imensos anos, que fez do Funchal um local onde certos tipos de filmes simplesmente não eram exibidos em sala, apesar de haver público interessado. O que é certo é que algumas pessoas valorizam isso e o meu trabalho é principalmente para elas.